

## De camponesa a madame — trabalho feminino e relações de saber no meio rural

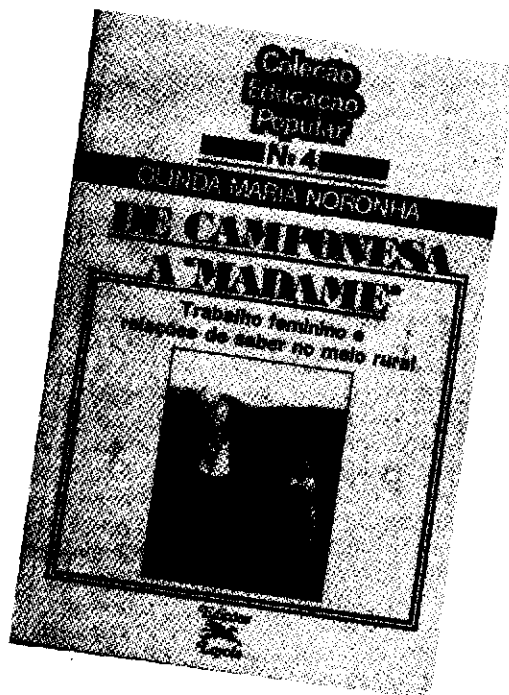
NORONHA, Olinda Maria.

**De Camponesa a Madame — trabalho feminino e relações de saber no meio rural.** São Paulo, Loyola, 1986.

Em *De Camponesa a Madame*, Olinda Maria Noronha trata da constituição das trabalhadoras volantes da monocultura canavieira da Zona da Mata em Minas Gerais. Analisa, de um lado, a ação pedagógica do capital sobre os trabalhadores. De outro, os elementos educativos presentes na sua resistência à dominação, possibilitando a produção de um novo saber, do qual a mulher é sujeito primordial.

Através de um denso relato etnográfico do cotidiano de trabalho e de vida dessas mulheres, Olinda resgatou aspectos que lhe permitiam cotejar o processo de trabalho produtivo com as experiências vividas, o público com o doméstico, as normas com a resistência muda. Confrontar esses aspectos e evidenciar suas mediações é contribuição valiosa para a área de educação, que vem propondo um modo novo de aprender o educativo no jogo das relações sociais.

A autora privilegiou na análise o trabalho como "locus" de elaboração do saber social. Com a transformação das relações de trabalho no campo e a perda da autonomia dos camponeses, as mulheres foram incorporadas à força de trabalho assalariada. Sofreram nesse processo a redefinição de sua identidade social, a piora de suas condições de vida, a reestruturação do cotidiano doméstico e familiar e a sujeição a novas formas de sociabilidade. Transformadas em trabalhadoras da agroindústria da cana-de-açúcar, elas são submetidas ao disciplinamento para o trabalho e à perda do controle de seu tempo, de seu espaço



(a casa e a "rua") e de seu corpo (agora instrumento de trabalho). No entanto, esse processo não obedece a uma lógica única, pois é também a "situação pedagógica possível" da transgressão, da resistência e da produção, pelas trabalhadoras, de um novo saber.

Ao particularizar as mulheres no estudo, Olinda oferece importantes informações sobre o trabalho feminino no campo brasileiro e sobre a identidade social constituída entre as esferas produtiva e doméstica. Exatamente devido à sua inserção nessas duas esferas básicas, a mulher trabalhadora é considerada pela autora como "matriz cultural" em sua classe.

Sendo uma tese de doutoramento em Filosofia da Educação, o estudo situa-se com destaque entre aqueles que analisam os fenômenos pedagógicos numa dimensão que transborda o espaço escolar, contribuindo também dessa forma para a compreensão do lugar da escola na formação das trabalhadoras.

*De Camponesa a Madame* oferece ainda indicações significativas sobre o processo de pesquisa e a construção do objeto de estudo, revelando a riqueza da proximidade com os sujeitos pesquisados, assim como as dificuldades e perigos da observação participante.

Quero chamar a atenção para a contribuição do livro para o conjunto dos cientistas sociais, e não apenas para os educadores. Ao buscar compreender as práticas educativas existentes na teia da vida social e na cultura, isto é, ao analisar as relações sociais tendo como ponto de partida a perspectiva da educação, Olinda trata de temas que são caros às ciências sociais, como relação de trabalho e dominação, construção da identidade social, cidadania, praxis e conflitos. Estabelece relações entre: a constituição de sujeitos sociais e políticos, o campo pedagógico das relações de trabalho e a apropriação-expropriação de saberes; a identidade como mulher, trabalhadora, sujeito de direitos, dona de casa e a resistência e a produção de um novo saber; os projetos de escola para o trabalhador e o conhecimento sobre seus valores, cultura e modo de vida.

Devido à forma cuidadosa como articula esses diversos elementos, o livro toca vários campos de conhecimento sobre os trabalhadores. Merece, portanto, ser amplamente discutido.

CRISTINA ALMEIDA CUNHA FIL-  
GUEIRAS  
Aluna do Curso de Mestrado em  
Educação  
Faculdade de Educação/UFMG